



Esta exposição propõe um diálogo entre a arte contemporânea — e ultracontemporânea — e o acervo de joias e gemas do Museu do Tesouro Real, cruzando a liberdade da criação artística com o rigor técnico da gemologia. O objetivo é promover uma reflexão sobre a forma como a criação artística molda e transfigura a nossa percepção visual, convidando o público a contemplar as obras de arte e a imaginar nelas a cor das gemas e joias do acervo.

Mas por que o tema Luz, Forma e Cor? A nossa apreciação das joias, das gemas e das obras de arte só é possível através da luz. Sem ela, a visão não existiria. A luz, ao ser captada pelo olho humano, provoca fenômenos visuais que, muitas vezes, nos passam despercebidos. Tomemos como exemplo o metamerismo: um fenômeno visual que ocorre quando dois objetos distintos — uma obra de arte e uma joia — parecem partilhar a mesma cor sob uma determinada iluminação, revelando tons completamente diferentes assim que a fonte de Luz se altera. Fica claro, portanto, que a luz é o fator decisivo tanto na criação artística e na joalheria como no comportamento ótico das gemas.

Uma reflexão fundamental sobre a luz encontra-se em Plínio, o Velho, que no Livro XXXVII da sua *Naturalis Historia* — o primeiro grande tratado de gemologia — já sublinhava a importância vital da luz no estudo dos minerais. Ao evocar o mito de Dibútares, Plínio sugere que o desenho e a escultura nasceram no momento em que, através de linhas de carvão, se circunscreveu a sombra de um homem projetada contra uma parede. Sem a Luz, nunca existiria Sombra, nem Forma, nem Cor. O desenho nasce, a partir daí e abre caminho para a escultura tridimensional. Esta visão é complementada por Victor Stoichita (na sua obra *A Breve História da Sombra*), para quem o contorno da sombra serve para fixar a imagem de uma "presença ausente", transformando a arte num processo conceptual, e não meramente numa representação do real.

Ernst Gombrich corrobora esta leitura ao notar que, ao contrário dos gregos, os egípcios não desenhavam a "realidade visual", mas sim o "saber". Pode-se concluir, através de Plínio, que a luz foi decisiva para o desenvolvimento da arte grega, que revolucionou a estética ao introduzir novos conceitos de Forma, como a simetria, proporção e filosofia do corpo humano. A beleza passou a ser uma busca matemática e filosófica — a harmonia entre o físico e o espiritual. É inegável que a arte que conhecemos começou há mais de 30.000 anos, com as pinturas rupestres, evoluindo através das civilizações mesopotâmica e egípcia. Contudo, foi na Grécia que a arte ganhou uma nova dimensão percetiva.

Giotto di Bondone revolucionou a forma ao conferir volume e naturalismo através do uso da luz e da sombra, fechando o Gótico e abrindo as portas ao Renascimento. Leonardo da Vinci inovou com o *sfumato*, eliminando linhas rígidas, enquanto Caravaggio, no Barroco, levou o claro-escuro ao extremo com o tenebrismo. Rembrandt, por sua vez, aliou este domínio da luz a uma profunda carga psicológica. No final do século XIX, Manet marcou a passagem para o Impressionismo ao alterar radicalmente a forma como a luz e a cor representam a vida, fazendo do cérebro do observador um elemento ativo na descodificação da imagem. Por fim, Paul Klee inverteu este processo, privilegiando a abstração onde a definição do significado emerge apenas com a obra concluída.

Contudo, ao abordarmos a Forma, impõe-se um questionamento: será a Forma o resultado direto da luz ou existe de maneira autónoma? No pensamento de Rudolf Arnheim e de Lancelot Law Whyte encontramos perspetivas fundamentais: para Arnheim, a forma é indissociável da percepção humana, dependendo inteiramente do olhar; para Whyte, a forma transcende o sujeito, residindo na estrutura e geometria intrínseca da natureza.

E assim, por fim, entramos no domínio da cor: a própria manifestação da Luz (o espectro). A Luz e a Cor atravessam diversas disciplinas, integrando abordagens científicas, psicológicas e espirituais. Destacam-se figuras como Newton, que em 1666 apresentou o primeiro círculo cromático científico; Young e Helmholtz, com a sua teoria tricromática; Goethe, que, na sua *Teoria das Cores*, abordou a fenomenologia da percepção; Kandinsky, que em *Do Espiritual na Arte* (1911) explorou a subjetividade e o transcendente na arte através da cor; e, por fim, Michel Pastoureau, cujas obras desvendam a complexa história heráldica e cultural dos pigmentos.

Podemos concluir, pois, que a Cor é essencial para a nossa percepção visual e psicológica. Apreciamos as obras de arte, gemas e as joias através do que sentimos, estabelecendo associações constantes; um objeto inspira o outro, e é na nossa mente que a Forma, a Cor e a Luz se cruzam, revelando que, mesmo em elementos aparentemente opostos, existe uma unidade profunda na forma como vemos e apreciamos o mundo.

O Curador: Francisco Lacerda

Adelaide de Freitas
Ana Gonçalves
Carlos Barahona Possollo
Carol Welsch
Cristina Albaker
Daniel Schär
Isabel Soares dos Reis
Jessica Dunn
Marc Sarkis Gulbenkian
Maria João Vale
Maria Reis
Marjorie Salvagni
Martin Stranka
Mónica de Moraes
Rita Andrade
RVieira
Teymur Rustamov

LUZ
FORMA
COR

Museu do Tesouro Real
Palácio Nacional da Ajuda